

OFICINAS DE INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE PÚBLICA: EXPERIÊNCIAS LÚDICAS

ENGLISH WORKSHOPS IN CHILDHOOD EDUCATION IN THE PUBLIC EDUCATION: PLAYFUL
EXPERIENCES

TALLERES DE INGLÉS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL DE LA RED PÚBLICA: EXPERIENCIAS LÚDICAS

Luiza Santana Chaves

Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutorado e Mestrado em Letras, na linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Máster Universitario en Lingüística Aplicada a la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera (Universidad Europea del Atlántico - UNEATLANTICO, Santander/España). Professora de Língua Espanhola do Centro Pedagógico da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5557-0463>, e-mail: luizasch2704@gmail.com

Márcia Marlene de Medeiros

Especialista em Residência Docente para a Formação de Educadores da Educação Básica, Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG), Professora de Educação Infantil na EMEI-Urca/Confisco, Rede Pública de Belo Horizonte - MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7022-2977>
E-mail: marciamarlene@edu.pbh.gov.br

Raika Luana Aleme

Mestre em Teaching English to Speakers of Other Languages pela Indiana University of Pennsylvania, EUA (2009) - revalidado como equivalente ao Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UNB). Docente do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/UFMG), Belo Horizonte - MG. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7157-4755>, e-mail: raleme@ufmg.br

RESUMO

Este artigo apresenta experiências didático-pedagógicas voltadas para o ensino lúdico da língua inglesa na educação infantil. As oficinas descritas neste trabalho foram desenvolvidas em uma escola da rede pública de Belo Horizonte, com crianças de 4 a 5 anos. Como aporte teórico-metodológico das atividades, utilizaram-se: (a) as teorias cognitivas, que contemplam o raciocínio simbólico e a aquisição de linguagem no processo de ensino-aprendizagem de idiomas; e (b) os estágios do desenvolvimento cognitivo-emocional, teorizados por Jean Piaget e Lev Vygotsky. Para os autores, a aquisição da linguagem é o resultado da prática e da formação de hábitos; tal processo acontece quando as crianças imitam os sons que ouvem, interagem com objetos/imagens e recebem reforços positivos. Logo, é importante que os educandos sejam estimulados a usarem, processualmente, a língua inglesa em seu cotidiano.

Palavras-chave: Linguagem; Língua Inglesa; Educação Infantil.

ABSTRACT

This article presents didactic-pedagogical experiences aimed at the playful teaching of the English language in early childhood education. The workshops described in this work were developed in a public school in Belo Horizonte, with children from 4 to 5 years old. As a theoretical-methodological contribution to the activities, we

used: (a) cognitive theories, which include symbolic reasoning and language acquisition in the language teaching-learning process; and (b) the stages of cognitive-emotional development, theorized by Jean Piaget and Lev Vygotsky. For the authors, language acquisition is the result of practice and habit formation; this process happens when children imitate the sounds they hear, interact with objects/images and receive positive reinforcement. Therefore, it is important that students are encouraged to procedurally use the English language in their daily lives.

Keywords: Language; English Language; Childhood Education.

RESUMEN

Este artículo presenta experiencias didáctico-pedagógicas dirigidas a la enseñanza lúdica de la lengua inglesa en la educación infantil. Los talleres descritos en este trabajo se desarrollaron en una escuela de la red pública de Belo Horizonte, con niños de 4 a 5 años. Como soporte teórico-metodológico de las actividades: (a) las teorías cognitivas, que contemplan el razonamiento simbólico y la adquisición del lenguaje en el proceso de enseñanza-aprendizaje de idiomas; (b) las etapas del desarrollo cognitivo-emocional, teorizadas por Jean Piaget y Lev Vygotsky. Para los autores, la adquisición del lenguaje es el resultado de la práctica y de la formación de hábitos; tal proceso sucede cuando los niños imitan los sonidos que oyen, interactúan con objetos/imágenes y reciben refuerzos positivos. De manera que es importante que los alumnos sean estimulados a usar, procesualmente, la lengua inglesa en su vida cotidiana.

Palabras-clave: Lenguaje; Lengua Inglesa; Educación Infantil.

INTRODUÇÃO: SONHOS E DESAFIOS DA INSERÇÃO DO INGLÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA

Esse artigo surgiu de um projeto de ação voltado para o aprendizado da língua inglesa, na rotina escolar da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Urca. O projeto de intervenção ocorreu por intermédio de oficinas lúdicas e motivadoras, com o objetivo de possibilitar às crianças a vivência educacional com outro idioma; destarte, promove-se o contato com outras culturas e amplia-se o vocabulário em inglês.

A língua inglesa, atualmente um idioma global, está cada vez mais presente em nosso dia a dia. A exposição à língua, pelas crianças, ocorre desde os primeiros anos de vida, por meio de vídeos musicais, filmes e jogos voltados para essa faixa etária. Durante esta etapa da vida, a curiosidade e a facilidade em aprender a língua são grandes aliados na aquisição de um segundo idioma. De acordo com Rocha (2006), a inserção do inglês nos anos iniciais de escolarização é de extrema importância, haja vista que a aprendizagem acontece naturalmente. Ademais, auxilia as crianças no desenvolvimento de seus potenciais coletivos e individuais, tornando possível a interação e comunicação.

O ensino de língua inglesa para crianças exige práticas pedagógicas e metodologias diferenciadas e habilidades específicas, diferentes de um ensino da língua para adultos. Desse modo, a ludicidade no contexto escolar exerce uma função primordial, agindo com um elo de interação entre as crianças e o aprendizado.

Teixeira (1995) enumera várias razões para utilizar atividades lúdicas como um recurso no processo de ensino-aprendizagem: i) as atividades lúdicas correspondem a um impulso natural da criança e, neste sentido, satisfazem uma necessidade interior; ii) o lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo.

É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia; iii) as situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento; iv) as atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções e operações, a ludicidade aciona as esferas motora e cognitiva, e à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva.

A inserção da língua inglesa na educação infantil ainda é um tema muito debatido e longe de ser contemplado na rede pública de ensino. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) contempla o idioma a partir do 6º ano; no entanto, na rede particular, os alunos começam a aprender línguas estrangeiras a partir dos 4/5 anos, estabelecendo, assim, contato com idiomas desde cedo.

As atividades descritas neste artigo foram fundamentadas nos trabalhos de Piaget e Vygotsky, uma vez que nos parece importante oportunizar às crianças da educação infantil da escola pública as mesmas condições de aprendizagem curricular das escolas particulares. As oficinas foram realizadas na EMEI URCA/CONFISCO, com crianças da faixa etária de 4/5 anos; tais oficinas aconteciam uma vez por semana, nos horários destinados para trabalhar o Projeto Institucional, que, por sua vez, abordou o Tema: *Projeto Convivendo e Aprendendo* -

Resgatando Valores e Construindo Cidadania. O projeto tinha como objetivos desenvolver múltiplas linguagens e promover um relacionamento harmonioso e social entre os pares, entre outros.

Em nossa proposta pedagógica, os educandos têm contato com o novo idioma a partir dos seus conhecimentos prévios, brincando e interagindo com a língua inglesa, proporcionando-lhes uma experiência significativa e lúdica na interação com objeto de estudo. A aprendizagem do inglês seria, assim, uma possibilidade de aumentar a autopercepção do educando como ser humano e como cidadão, papel que entendemos como primordial na escola básica, seja ela pública ou privada.

Segundo Piaget (1999), o 2º estágio pré-operatório, referente a 1ª infância, dos 2 a 7 anos, é o mais importante para a internalização/aprendizagem de línguas, pois é o desenvolvimento primevo da linguagem, que acarretará modificações nos aspectos intelectuais, afetivos e sociais da criança. Na fase pré-operatória, a criança ao ser estimulada com mais de uma língua, tende a aprender com maior facilidade e interioriza esse processo cognitivo/afetivo/social. Por estar na fase de desenvolvimento e aquisição de sua linguagem materna, parte daí para as operações concretas — também na linguagem estrangeira —, em que executará tudo o que vivenciou na fase anterior.

Nessa faixa etária (que no nosso caso, corresponde aos 4 / 5 anos), segundo Piaget, as crianças estariam mais desenvolvidas do ponto de vista sensório-motor e, ao mesmo tempo, ingressariam no desenvolvimento linguístico mais abstrato, por intermédio dos estímulos recebidos em casa e/ou nas escolas infantis.

De acordo com Deheinzelin, Monteiro e Castanho (2018, p.21), “o ambiente escolar é um lugar especialmente desenhado para criança ser e estar no que é próprio dela: brincar e interagir, aprender e se desenvolver”. Caberia a nós, educadores, compreender os benefícios trazidos pelo aprendizado da língua inglesa na infância, introduzindo as diferentes linguagens inerentes a todos os idiomas: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como recursos para ampliar as vivências culturais e as experiências de aprendizagens.

A facilidade desta faixa etária em se conectar com outras culturas é um indicativo importante a ser considerado. A percepção da língua inglesa pelas crianças ocorre através de

estímulos que obedecem ao seu próprio ritmo de desenvolvimento. Como afirma Marcuschi (2002, p.21), em relação à língua materna, “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas”; assim, no caso das crianças em período de pré-alfabetização ou recém alfabetização, esse fato é ainda mais presente. Na educação infantil, deve-se explorar a sonorização da língua estrangeira, isto é, a oralidade, para que o processo de aquisição da língua aconteça de forma mais natural, internalizada e orgânica possível, aproximando-se do processo de aprendizagem em língua materna; é um aprendizado sem cobranças, que reage positivamente às manifestações orais e, eventualmente, com registros escritos, das crianças, para que vivenciem a língua inglesa de forma integrada ao seu cotidiano.

A introdução da oralidade no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa é um desafio, visto que, como aponta Bruno (2010, p.223), “há dificuldade de se ensinar a oralidade e, por isso, é importante estabelecer, de fato, uma relação entre o oral e o escrito”. Conforme nossa perspectiva, isso acontece, efetivamente, quando conscientizamos os alunos, de forma indutiva, das diferenças estruturais, funcionais, gramaticais, sociais que diferenciam oralidade-escrita. Isto posto, é fulcral a utilização de objetos concretos de aprendizagem (fantoques, cartazes, músicas, frutas, brinquedos, filmes etc.) para facilitar a associação do vocabulário da língua estrangeira pelas crianças.

Como estimular e motivar a aquisição da língua inglesa na educação infantil?

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2016) inclui a língua estrangeira como obrigatória a partir do 6º ano do ensino fundamental; todavia, como supracitado, inúmeras escolas da rede particular de ensino contemplam o estudo da língua inglesa em seu currículo a partir dos 4/5 anos. Destarte, oportuniza-se às crianças o contato com outras línguas desde cedo, para oportunizar o aprendizado da língua inglesa na Educação Infantil da rede pública e garantir igualdade de condições de acesso à educação e a cultura. Apesar dos resultados serem positivos e o tema bastante discutido, o ensino do inglês parece distante da realidade das crianças na rede pública.

O projeto de ação, que culminou neste artigo, teve como objetivo apresentar a importância da língua inglesa na educação infantil e desenvolver as múltiplas linguagens, ao promover um relacionamento harmonioso e social entre os pares. O objetivo geral foi contribuir para o desenvolvimento das crianças para a aquisição da língua inglesa, ampliando seu vocabulário em relação às palavras usadas no dia a dia, nos quais as crianças brasileiras convivem e interagem atualmente. Como objetivos específicos, tivemos o intento de:

- Incentivar o prazer pela língua inglesa, com vistas ao desenvolvimento da linguagem;
- Implementar oficinas de inglês na Educação Infantil;
- Avaliar o comportamento, interesse e envolvimento das crianças em relação à língua inglesa;
- Expor aos alunos um conteúdo funcional, preparando-os para reconhecer e trabalhar com as estruturas gramaticais internalizadas e os grupos lexicais que servirão como base para os futuros estudos ao longo da educação básica.

A linguagem é definida como “qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos, através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc.” (HOUAISS, 2001, p. 1763). Isto posto, concluímos que o ser humano, para se comunicar, utiliza da oralidade, adquirida na infância no período entre 0 a 3 anos, em que a criança aprende a falar até três mil palavras enriquecendo seu vocabulário. O desenvolvimento da sua linguagem aumenta gradualmente até os 5 anos, quando, por regra geral, a criança já poderá se expressar de uma forma muito mais direta e clara.

A criança de 2 a 4 anos já poderá usar frases curtas como ‘eu quero...’, ‘eu faço...’, ‘eu vou...’. Poderá distinguir, também, com palavras, o alto e baixo, para cima e para baixo, e até manter uma conversa com alguém. Já poderá pronunciar as palavras com mais firmeza e de forma completa e, deste modo, será possível entender o que a criança diz. Conforme Piaget, é na primeira infância que o ser humano empreende várias formas de assimilação, isto é,

incorpora conhecimentos, ações, sentimentos e percepções. Assimilar é, assim, tornar-se parte do meio em que se vive:

Assimilamos mamando, ouvindo, pensando, lendo, escrevendo. Assimilar supõe um sujeito ativo que escolhe, decide, interpreta, não importa em que nível, ou seja, segundo qual estrutura ou conteúdo. Acomodar-se faz parte do assimilar, pois expressa o grau ou a extensão em que o sujeito teve que se modificar face às demandas da incorporação. Às vezes, a acomodação pode ser mínima, como nos sonhos ou em certos tipos de jogos ou brincadeiras. Às vezes deve ser máxima, como na imitação, cópia (MACEDO, 2004, p.151).

A partir de seu nascimento, a criança começa a viver experiências e, quanto mais estimuladas for, maior será seu desenvolvimento na forma de agir. O educando aprecia o recurso da repetição; cada vez que cantamos ou contamos uma história, a criança se apropria de versos, sons e palavras. À medida que esses feitos com a crianças são repetidos, ou diversificados, a criança estabelece apropriação entre as relações de escuta da voz e o movimento. Toda criança já nasce com tais competências para se socializar, além de uma percepção auditiva bastante aguçada, sensível à sonoridade da sua língua materna; a partir daí, quando estimulada com mais uma linguagem, apropria-se com facilidade.

Como destacamos anteriormente, o projeto de ação analisado por este artigo foi voltado para o ensino de língua inglesa na Educação Infantil, com foco em alunos de 4/5 anos, que estão no estágio pré-operatório e, conforme os estágios do desenvolvimento propostos por Jean Piaget, “à criança pequena, estando mais desenvolvida do ponto de vista sensório motor do que do da lógica verbal, convém proporcionar-lhe esquemas de ação sobre os quais possa basear-se posteriormente.” (Piaget, 1999, p. 37). Segundo Piaget (1999 p. 24), o 2º estágio pré-operatório referente a 1ª infância, dos 2 a 7 anos, é o mais importante, pois é o aparecimento da linguagem, que acarretará modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança.

Na fase pré-operatória, a criança, ao ser estimulada com mais de uma língua, tende a aprender com maior facilidade e interioriza essa ação. Por estar na fase de desenvolvimento e aquisição de sua linguagem, parte daí para as operações concretas, em que executará o que vivenciou na fase anterior. Esta perspectiva é fundamentada por Lev Vygotsky, que entendia

a aprendizagem como um processo que ocorre na interação criança/adulto, no caso da escola, aluno/professor.

É através da apropriação de conhecimentos e habilidades socialmente disponíveis que as funções humanas se constroem em relações interpessoais na sociedade. Nas palavras de Vygotsky (1987, p. 281): “Por meio de outros, por intermédio do adulto que a criança se envolve em suas atividades. Absolutamente tudo no comportamento da criança está fundido, enraizado no social”. Com base em Piaget e Vygotsky, nos pareceu importante apresentar às crianças, nesta proposta pedagógica, uma linguagem diferente do seu cotidiano, com base nos seus conhecimentos prévios da língua materna, ao brincar e interagir com a língua inglesa.

Apoiada na teoria sociointeracionista do teórico Vygotsky, a aquisição da linguagem está relacionada ao pensamento, e engloba fatores como: desenvolvimento, cognição e sua realidade social nos contextos de interação. Roth (1998, p. 51) indica sete pontos presentes nas características infantis que precisam permanecer na prática docente, para que as aulas alcancem o propósito esperado:

1. ENERGIA: as crianças precisam se movimentar;
2. BARULHO: o professor pode controlar o barulho, mas não deve esperar que as aulas sejam silenciosas; é permitido que as crianças produzam barulhos positivos durante a execução de jogos e atividades movimentadas;
3. RAPIDEZ: assim como as crianças aprendem rápido, também esquecem muito rápido, por isso, os conteúdos ensinados devem ser revisados constantemente;
4. SENTIDOS: é necessário admitir oportunidades nas quais as crianças possam usar seus sentidos; além da fala, é preciso estimular o ver, ouvir, tocar cheirar e provar;
5. IMAGINAÇÃO: o educador deve aproveitar nas brincadeiras de ‘faz de conta’, a incrível habilidade das crianças de mesclar fantasia com a realidade;
6. ENTUSIASMO: o processo de aprendizagem deve ser acompanhado com os benefícios da alegria e do entusiasmo das crianças;
7. TEMPO: as crianças perdem o interesse facilmente, portanto, não se deve sobrecarregá-las, para que a progressão aconteça com o tempo.

Inúmeros estudos sobre a aquisição de uma segunda língua mostram que quanto mais cedo a criança for exposta a um segundo idioma, mais facilmente ela o desenvolverá. Desta forma, esta inserção, na idade inicial da introdução escolar (educando de 4/5 anos), faz com que as crianças dessa faixa etária desenvolvam um reconhecimento das produções orais em inglês. Este primeiro contato pode possibilitar que estes discentes verbalizem e identifiquem algumas expressões e palavras em inglês, por meio: aulas dinâmicas e interativas, brincadeiras, imagens, histórias, músicas e vídeos — para que a progressão aconteça com o tempo. As DCNEB (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica), estabelecem que “comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios ponto de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo.” (BRASIL, 2013, p. 94).

A ampliação da capacidade de comunicação da criança ocorre com sua participação frequente nestas atividades; ademais, deve-se, paulatinamente, passar das situações informais para formais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), “eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escrita e reflexões sobre a língua.” (BRASIL, 1998, p. 49).

De acordo com Dias (2018), aprender inglês na infância é mais fácil do que se imagina, se considerarmos a predisposição para a comunicação verbal própria dos seres humanos e nos aspectos contextuais e culturais, nos quais as crianças brasileiras convivem e interagem na era atual — embora a aprendizagem de uma língua adicional não ocorra de maneira espontânea e necessite “intencionalidade educativa para o seu desenvolvimento”. Além disso, o ensino de outro idioma na infância torna-se mais relevante, visto que a criança está mais propícia a novas descobertas e assimilam com uma maior facilidade os conteúdos.

Em colaboração, Lightbown e Spada (2003, p. 3) argumentam que ao aprender mais de uma língua, ainda em seus primeiros anos de vida, a criança demonstra avanços no desenvolvimento tanto da língua materna quanto da estrangeira. O ensino da língua inglesa na educação infantil tem como finalidade demonstrar como a linguagem se estrutura de acordo com as habilidades e aptidões do sujeito. Nessa fase, o aprendizado é voltado para a

ampliação do vocabulário, socialização e comunicação com o outro. Deste modo, possibilita-se que a criança vivencie experiências em contextos diversos, experimente novos idiomas e adquira novos conhecimentos.

Metodologia e apresentação dos resultados: atividades desenvolvidas na EMEI

Para a implementação do trabalho, iniciou-se uma busca de informações em sites e livros sobre a melhor atividade a ser desenvolvida durante as oficinas realizadas. Separamos atividades significativas para a faixa etária, de acordo com as habilidades e capacidades dela, dividindo em fases de acordo com o desenvolvimento e aprendizado dos alunos. As oficinas foram trabalhadas em sala de aula e na biblioteca com materiais expositivos.

O trabalho foi dividido em duas fases. Na primeira fase foram trabalhados vocábulos que os educandos já conheciam em inglês, como nomes de objetos, animais e alimentos. Apresentamos algumas fotos contendo alguns animais como: peixe, pato gato etc., assim como fotos contendo alguns objetos como: lápis, brinquedos, entre outros. Foram expostas, também, fotos com algumas frutas como: laranja, maçã, limão, entre outras. Em seguida, questionava-se se sabiam o nome dos objetos das imagens em inglês e, de acordo com o que respondiam, as fotos eram dispostas no quadro; destarte, construiu-se um banco com as imagens conhecidas no quadro.

Na segunda fase, incentivou-se a produção de perguntas e respostas do dia a dia, como, por exemplo: *onde guardamos o carro?*, *“onde dormimos?”*, etc. Para a realização das atividades, os alunos tiveram auxílio de materiais como cartazes, desenhos, gravuras, folhas de papel ofício para escritas espontâneas com desenhos e lápis de cores. Utilizaram-se, também, CDs e DVDs com desenhos para a visualização e compreensão auditiva.

Assim, foram trabalhadas as seguintes atividades:

- *The animal land*: as aulas iniciaram com perguntas direcionadas aos alunos, no caso, se eles lembravam dos nomes dos animais em inglês. À medida que foram respondendo, as respostas eram registradas na lousa: *Pet/ Farm animals*.
- Subsequentemente, informou-se aos alunos que eles iriam aprender os nomes de outros

animais, porém eles não moravam na fazenda e nem seriam de estimação, eram animais selvagens. Realizou-se uma sondagem sobre o conhecimento deles através de perguntas. À medida que a professora dizia os nomes dos animais em inglês, os alunos, em seguida, repetiam. Solicitou-se, também, que reproduzem os sons deles.

- *This is my house*: nessa atividade, o objetivo era trabalhar os nomes dos cômodos da casa. Isto posto, explicou-se aos alunos que eles iriam conhecer a casa do Francisco; logo após, a professora contou a história de Francisco, que morava em uma casa com muitos cômodos. À medida que a docente exibia as imagens dos cômodos, solicitava que os educandos pronunciassem seus nomes em inglês e repetissem os termos que não conheciam ou tinham dificuldade de falar. Para verificar a aprendizagem do vocabulário, utilizaram-se perguntas como “*onde guardamos o carro?*”, “*onde dormimos?*”, entre outras — sobre os cômodos da casa.
- Em seguida, os alunos foram convidados a falar sobre suas casas. Realizaram-se perguntas para conduzir a atividade, como, por exemplo: “*quem tem garagem em casa? Quem mora em uma casa com dois quartos?*”, etc.
- *Greetings and Goodbyes*: em sala, os alunos foram organizados em círculo; logo após, iniciou-se a atividade com perguntas e respostas, trabalhando as saudações em inglês (*Hello, hi, goodbye, good morning, good afternoon, good night*). Com os alunos sentados em duplas, realizou-se uma dinâmica com perguntas e respostas: *what's your name?, my name is ... how are you? I'm fine, ok, well, good*. Os alunos foram classificados em A e B. O aluno A iniciou fazendo a pergunta para o aluno B, que, após responder, fez o mesmo com o aluno A.
- Foram explorados outras categorias de vocabulário, partindo das nomeações de cores (*yellow, red, blue, green purple, orange, white, grey, black*), animais (*Dog - Cat - Alligator - Monkey - Elephant - Shark - Horse - Turtle- Lion*), alguns conceitos como: *big, small, beautiful, ugly, happy, sad, bad, very, little*) e números de zero até 10. Por intermédio de gravuras, os animais acima foram apresentados e os educandos deveriam nomeá-los; ademais, deveriam, também, descrever duas características

em inglês e a quantidade de animais que aparecem na gravura. Exemplo: *One dog: grey, big; five cat: black, ugly*).

- Os educandos assistiram ao vídeo *Baby Shark* na brinquedoteca; logo após, explicou-se que os personagens estariam cantando em língua inglesa e, assim, deveriam prestar bastante atenção para aprenderem a canção e, ao final do vídeo, deveriam cantar com os personagens. Em seguida, trocaram a palavra *baby* por nome dos membros da família como: (*Mommy shark, Daddy shark, Grandma shark, grandpa shark*).

Ao término das atividades, os alunos foram capazes de nomear as cores, os animais, saudações e despedidas em língua inglesa, através de um aprendizado significativo, lúdico e motivador para sua faixa etária. Os educandos demonstraram interesse pelos novos conteúdos da língua inglesa e abertos para a aprendizagem de novas linguagens. Entre os diversos *feedbacks* dos alunos, destacamos que ao encontrar com os alunos nos corredores da EMEI, eles sempre nos saudavam em inglês, usando as expressões "Hi", "Goodbye", entre outras; além disso, quando os educandos tinham aula na brinquedoteca, pediam para assistir o DVD do *baby shark* — e acompanhavam os ritmos cantando em inglês. Ademais, quando trabalhávamos as cores, os alunos as repetiam em inglês, demonstrando satisfação em pronunciar os termos.

A avaliação, em todo o processo, envolveu determinar o valor da ação educadora e o desenvolvimento individual do educando em relação às atividades realizadas no projeto de ação, refletindo sobre a prática educativa e reconhecendo o percurso de aprendizagem do estudante em relação a ele mesmo. No processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira é preciso ressignificar o conceito de avaliação. Como salienta Shaaban (2001, p. 2), a avaliação deve ser uma ferramenta que:

[...] fornece retorno ao aluno e informa ao professor sobre a adequação do currículo e dos materiais didáticos, a eficácia dos métodos de ensino e os pontos fortes e fracos dos alunos. Além disso, ajuda a demonstrar para as crianças que elas estão progredindo, o que pode aumentar sua motivação.

Corroborando o referido autor, o ato de avaliar não pressupõe em encontrar erros falhas, defeitos, mas sim, o envolvimento, disponibilidade e apropriação como diagnóstico para continuidade futura. Assim, a avaliação desse projeto contemplou: i) o posicionamento dos educandos ao se deparar com uma linguagem diferente da língua conhecidas por eles; ii) as autopercepções das diferentes linguagens de nomeação dos vocabulários e estruturas básicos; iii) a interação com a disciplina: suas dificuldade e facilidades no processo de desenvolvimento do projeto de ação; iv) e sua aquisição, apropriação e interiorização dos vocábulos da língua inglesa estudados pelos educandos.

Avaliou-se, portanto, o envolvimento dos educandos, as atividades e reações ao desenvolver atividades de conversação e interação com os colegas e professor, bem como suas curiosidades em relação ao vocabulário apresentado, além do envolvimento de cada um durante a aplicação. Através deste trabalho, buscamos incentivar e estimular o estudo da língua estrangeira de forma divertida e mais natural, possível. As atividades desenvolvidas contribuíram para a aquisição da língua inglesa pelas crianças da educação infantil da rede pública, ampliando, dessa maneira, o conhecimento de mundo, além de expandir o vocabulário em relação às palavras inglesas usadas no dia a dia, com as quais as crianças brasileiras convivem e interagem socialmente na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da língua inglesa foi, assim, uma possibilidade de aumentar a autopercepção do educando como ser humano e cidadão. Destarte, conseguimos, por meio deste projeto de ação, proporcionar uma experiência significativa e lúdica na interação com língua inglesa. A facilidade dessa faixa etária em se conectar com outras culturas é um indicativo importante a ser levado em conta. A percepção da língua pelas crianças se dá através de estímulos que obedecem seu próprio ritmo de desenvolvimento. Na Educação Infantil, deve-se ter o cuidado de explorar a sonoridade da língua, isto é, com base na oralidade. Será um aprendizado sem cobranças, reagindo positivamente às manifestações das crianças, deixando que vivenciem a língua inglesa de forma natural.

A implementação da língua na educação infantil da rede pública de ensino e a avaliação da recepção das crianças são indispensáveis para o desenvolvimento dos educandos. No entanto, destaca-se a importância da exposição a um conteúdo funcional, que leve os alunos a reconhecerem e trabalharem com as estruturas e grupos lexicais que servirão como base para os futuros estudos da língua ao longo da educação básica. É fulcral, também, desenvolver a motivação e o interesse pelo estudo da língua inglesa, com vistas ao desenvolvimento do conhecimento de mundo dos educandos.

O ensino de inglês e seu uso contextualizado em sala de aula devem partir de situações familiares à faixa etária das crianças, de modo a contribuir para a memorização de estruturas referentes a esses momentos na segunda língua. Destacamos, também, o envolvimento dos alunos nas atividades e reações positivas durante as atividades de conversação e interação com os colegas e a professora. Ademais, curiosidade em relação ao vocabulário apresentado.

O valor da ação educadora e o desenvolvimento individual do aluno, em relação às atividades realizadas neste projeto, nos motivou a refletir sobre a prática educativa, para conhecermos melhor o educando. Assim, em busca por um ensino mais efetivo, significativo e adequado ao desenvolvimento da criança, buscamos propiciar um trabalho voltado para o lúdico que contemplassem os alunos da rede pública, por intermédio de um vocabulário voltado para sua faixa etária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/SEF/CNE, 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF/CNE, 1998.

BRUNO, F. A. C. Os gêneros orais em aulas de ELE: uma proposta de abordagem. *In*: BARROS, C.; COSTA, E. G. **Coleção explorando o Ensino. Espanhol: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. v. 16.

DEHEINZELIN, M.; MONTEIRO, P.; CASTANHO, A. F. **Aprender com a criança experiências e conhecimentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

DIAS, R. Por que ensinar inglês na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Pública? **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 27-30, 2018.
HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How Languages are Learned**. England: Oxford University Press, 2003.

MACEDO, L. O modelo de Piaget sobre as regulações sensório-motores. *In*: MOURA, M. L. S. (org.). **O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. *et al.* (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PIAGET, J. **A Linguagem e o Pensamento da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROCHA, C. H. O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas. *In*: ROCHA, C.H.; BASSO, E.A. (org.). **Ensinar e aprender inglês em diferentes idades: reflexões para professores e formadores**. São Carlos: Claraluz, 2006.

ROTH, G. **Teaching Very Young Children: pre-school and early primary**. London: Richmond, 1998.

SHAABAN, H. Assessment of Young Learners. **Forum**, v. 39, n. 4, p. 16-25, 2001.

TEIXEIRA, C. E. J. **A ludicidade na escola**. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em: 07/11/2020

Parecer em: 0/06/2021

Aprovado em: 7/07/2021